



Chiquitão: A direção de arte no cinema busca histórias em Ouro Preto¹

Mayra Santos COSTA²

Adriano Medeiros da ROCHA³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG.

RESUMO

O presente artigo visa apontar o estudo sobre a produção cinematográfica na cidade de Ouro Preto, interior de Minas Gerais, destacando o segmento da direção de arte com o trabalho realizado por Luiz Antônio Rodrigues, popularmente conhecido como Chiquitão. Através de um de seus ofícios, como ele próprio define de arqueologia conceitual, o artista concebe cenários com os objetos históricos, encontrados por ele e que estavam perdidos pelas ruas antigas da cidade. Construindo uma visão de mundo a partir do seu trabalho no cinema e resgatando a memória de Ouro Preto, Chiquitão, contribuiu para uma construção visual de arte em várias produções fotográficas e audiovisuais, especialmente em filmes de época, realizados na antiga Vila Rica.

PALAVRAS-CHAVE: cinema mineiro; direção de arte; Chiquitão; memória;

Cinema em Ouro Preto: A sétima arte em busca de história

A historiografia cinematográfica brasileira não apresenta um conhecimento exato do responsável pelas primeiras filmagens na cidade de Ouro Preto. Se esta questão ainda gera discussões no contexto do cinema nacional, quanto às primeiras imagens em movimento realizadas no Brasil, não resta dúvidas da falta de precisão de dados dos primeiros contatos do patrimônio histórico e cultural da humanidade com a sétima arte. Já no território mineiro, com quase certeza segundo Márcio da Rocha Galdino, o responsável foi o português Francisco Soucasaux.

Em relação às primeiras exposições, encontra-se no Jornal Mineiro, de 1898, uma anúncio sobre a apresentação do cinematógrafo na cidade de Ouro Preto pela

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual – do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 3º período do curso de Jornalismo da UFOP, integrante do grupo de pesquisa *Criação e análise da imagem e do som* da UFOP. email: mayra.santoscosta@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UFOP, doutorando pela Escola de Belas Artes da UFMG, fundador do grupo de pesquisa *Criação e análise da imagem e do som* da UFOP. email: adrianomedeiros.ufop@gmail.com.



companhia de teatro da atriz Apolonia Pinto. “*Estréia desta magnífica companhia. Apresentação do maravilhoso aparelho de grande sucesso. Cinematographo Lumière*” (Jornal Mineiro, 1898, p. 12).

Grande parte do material das imagens cinematográficas de Minas Gerais, no final do século XIX e início de século XX, foram perdidas, algumas apenas registradas na memória dos realizadores e do público. Apesar disso, de acordo com os registros da cinemateca brasileira, o filme datado mais antigo de Ouro Preto é o documentário educativo *Ramal de Ouro Preto* (1908), produzido por Marc Ferrez e dirigido por Julio Ferrez.

Barbacena, Cataguases, Juiz de Fora e Belo Horizonte foram algumas das cidades onde os primeiros cineastas de Minas Gerais atuaram. Muitas vezes eram imigrantes ou descendentes, especialmente dos italianos, inflamados pelo sonho de filmar as terras mineiras como os irmãos Lumière fizeram ao registrar Paris no seu mais singular movimento. Ouro Preto, por sua vez, não fazia parte do pólo cinematográfico dos pioneiros, era registrada discretamente por cineastas, em sua grande maioria de outras cidades.

Aristide Junqueira, um dos cineastas mais influentes na criação das bases do cinema mineiro, nasceu em Ouro Preto, porém, mudou-se para Belo Horizonte, onde começou atividades com a fotografia para em seguida aventura-se no cinema. Já Ingino Bonfioli, pioneiro tão quanto era Junqueira, imigrante italiano, começou a dirigir filmes nos fins de 1910 na capital mineira, para em 1925 gravar o documentário educativo, *Minas Antiga*, que possui como uns dos cenários históricos, a cidade de Ouro Preto.

Através do cinema, Aristides Junqueira, Ingino Bonfioli e tantos outros, puderam registrar fatos, criar uma didática da imagem, vislumbrar um aspecto realista do mundo, o testemunho de como era nosso meio ambiente, para melhor compreendê-lo, abrangendo inclusive nossa própria memória. (MARQUES, 2007, p. 11)

Além das produções independentes e não registradas, constata-se que Ouro Preto serviu de cenário para mais de 100 filmes no século XX. Dentre os mais conhecidos no cenário nacional e internacional temos *Rebelião em Vila Rica* (1958) *Chico Rei* (1985) *O Monge e a Filha do Carrasco* (1996) *Luar sobre Parador* (1988) e *Tiradentes* (1998).

Os filmes realizados em Ouro Preto, em sua maioria, possuem uma contextualização histórica em sua narrativa, principalmente com enredos relacionados



ao período aurífero brasileiro, marcado pela Inconfidência Mineira. A cidade, apesar da sua gradual modificação por intervenções urbanas, foi a primeira no Brasil a ser declarada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como patrimônio histórico e cultural da humanidade, sendo uma referência mundial nas concepções artísticas do barroco e da arquitetura colonial. O trabalho de direção de arte no cinema, por exemplo, pode usufruir mais do que qualquer outro, em uma produção audiovisual, ao trabalhar com esse cenário já pronto que é a antiga Vila Rica.

A construção da direção de arte no Brasil

A obra fílmica é composta por elementos responsáveis pela criação de imagens que vão agir diferentemente na memória de cada sujeito e gerar valores de associações subjetivas e cognitivas, de forma a criar uma identidade visual para o filme. Um dos papéis da direção de arte é justamente criar essas imagens e fazer com que elas despertem significados e sentimentos através da expressividade, sua principal aliada.

A aparência e estilo de qualquer produto fílmico são criados pela imaginação, artisticidade e colaboração da tríplice do diretor com o diretor de fotografia e, principalmente, com o diretor de arte. Este último é o responsável pela interpretação do roteiro e da visão do diretor, transformando-as em ambientes físicos nos quais os atores podem desenvolver seus papéis e a sua história. (DIAS, 2009, p.5)

Nos primórdios da história cinematográfica, nas primeiras décadas do século XX, a composição visual se apoiava na transposição de técnicas teatrais de cenário, maquiagem e figurino. Temos como exemplo, o cineasta Méliès, pai dos efeitos especiais e realizador do primeiro estúdio de cinema, que utilizava de tais técnicas para construir a composição diegética dos seus filmes. *Le voyage dans la lune* (Viagem à lua) de 1902 é um marco para a compreensão estética no cinema.

Com a evolução dos equipamentos e a evolução do cinema para criação de uma linguagem própria, tem-se uma necessidade maior para o aprimoramento dos elementos visuais dos filmes. A direção de arte torna-se fundamental, criando várias vertentes e concepções artísticas, para, nas últimas décadas do século XX, ganhar um novo departamento que é a computação gráfica.



Segundo Inez Oliveira (2004), no Brasil a direção de arte começou a ser exercida “*comme il faut*” a partir da década de 80. O figurino, a maquiagem e a cenografia, por exemplo, eram departamentos isolados e independentes na estruturação da composição visual de um filme. “*Até então as cenas de um filme eram concebidas quase totalmente pelo diretor. Era nele que convergiam os olhares dos profissionais das várias funções, ele era o grande maestro*” (OLIVEIRA, 2004, p. 17). Isso, porém, não pode pressupor que os filmes brasileiros, até a criação efetiva da figura do diretor de arte no país, não tinham a qualidade visual aprimorada.

O profissional da direção de arte como investigador do mundo, da história, da cultura e do imaginário humano irá conceber uma linguagem estética e uma composição visual para construção de um espaço imagético harmônico, emocional e crível. Desse modo, a obra cinematográfica realizada, transmitirá ao público o sentimento de transposição para o lugar fictício ou real em que cena irá ocorrer.

Entre os principais diretores de arte do Brasil podemos destacar Carla Caffé, *Central do Brasil* (1998); Cássio Amarante, *Abril despedaçado* (2011); e Tulé Peake, *Cidade de Deus* (2002). Esses nomes são apenas alguns dos vários profissionais que exercem com qualidade o tratamento artístico e visual da obra fílmica nos filmes brasileiros. Ao analisarmos o longa *Central do Brasil*, por exemplo, observamos que o trabalho de direção de arte feito por Caffé e Amarante, sustenta a visualidade que a história do filme contextualiza. Percebe-se um cuidado com a escolha das locações certas e o tratamento da cor na construção fílmica das paisagens, notando-se a diferença dos tons presente nos elementos das cenas quando se tem a transição do espaço urbano para o sertão.

Vale ressaltarmos que outros profissionais da área já pensavam este tipo de procedimento artístico no cinema antes da delimitação histórica acima expressa e já contribuíam com o seu trabalho mesmo antes da figura do diretor de arte ser realmente efetivada no país. Um bom exemplo seriam aqueles profissionais responsáveis pela composição visual dos notórios filmes do Cinema Novo.

Entendemos que realização da direção de arte foi e é fundamental para produções cinematográficas, independentemente de seu tamanho ou estrutura disponível. Renomados diretores brasileiros como Nelson Pereira dos Santos, Walter Lima Junior e Joaquim Pedro de Andrade, construíram suas obras com a ajuda desses profissionais, que conduziram seu trabalho de forma a tornar os filmes mais



aprimorados esteticamente. Esses mesmos cineastas realizaram algumas de suas obras na cidade de Ouro Preto e não podemos deixar de sublinhar, então, uma figura que marca, artisticamente, a cidade por sua singularidade e contribui para a produção cinematográfica na região: o artista Chiquitão.

Luiz Antônio Rodrigues: o Chiquitão

Quase ao lado de uma das atrações turísticas mais famosas de Ouro Preto - a Igreja do Pilar – existe uma espécie de loja, ateliê/museu que abriga uma variada coleção de peças. Algumas estão fixadas na parede e no teto e outras distribuídas pelo chão. Por trás de tantos objetos antigos expostos tanto na rua, como dentro do casarão, na Praça Américo Lopes, um homem popularmente conhecido como Chiquitão trabalha como artista autodidata.

Nascido na década de 50, Luiz Antônio Rodrigues atua desde jovem no seu ofício. Influenciado pelo meio em que vive - a cidade antiga de Ouro Preto, o artista sai em busca de objetos para compor seu acervo de colecionador e outros para deixar a venda. Em uma espécie de arqueologia conceitual, como ele próprio define, Chiquitão possui uma coleção de cachimbos de escravos, fotografias antigas, moedas, peças talhados em madeira, objetos que retratam a mineração realizada na região, entre outros tantos outros materiais.

Desde pequeno, já coleciono as coisas. Elas são desperdiçadas nessa cidade velha e eu com meu espírito investigativo vou achando-as por meio de prospecções em leitos de rios, principalmente quando chove, em lixo alheio, em casas abandonadas e até em ferro velho. Meu trabalho é uma espécie de arqueologia conceitual. Por meio dele tento denunciar a falta de valor que as pessoas dão pra nossa memória, nossa história.⁴

Suas coleções advêm dos mais diferentes locais de Ouro Preto e entorno. Chiquitão se interessa pela história de todos os objetos que ali estão, sejam eles achados em construções abandonadas ou doados, comprados e trocados com moradores da cidade. Luiz Antônio objetiva não só ter uma coleção de artefatos do passado, em uma espécie de antiquário, mas também visa à preservação da memória da antiga Vila Rica através do resquício histórico que cada objeto possa trazer consigo.

⁴ Trecho da fala de Chiquitão retirado da entrevista realizada dia 29 nov 2011



O casarão colonial que Chiquitão utiliza como local de trabalho pertencia ao seu pai. A propriedade foi construída no século XVIII e reformada no século XIX, possuindo dois andares e um subsolo, com passagem subterrânea (hoje fechada) para a Igreja do Pilar. Luiz acredita que esse seu escritório serve para um encontro com as pessoas, já que se define como um artista que não se isola no mundo, mas utiliza do seu espaço de trabalho como um lugar de contato. *“Esse meu local de trabalho é um laboratório onde lido com o ser humano, não me isolo”*.⁵

Luiz Antônio é um artista múltiplo. Já trabalhou com xilografia, desenho, pintura escultura, direção de arte, restauração de vários museus e igrejas por todo Brasil, realização de exposições de aquarelas, bico de pena e ilustrações para vários livros e revistas. Além disso, já participou de várias produções audiovisuais.

Na direção de arte, especificamente, Chiquitão já construiu cenários para serem expostos em livros, teatro e cinema. Na realização cinematográfica, participou da produção de vários filmes realizados em Ouro Preto, mostrando “sua personalidade” nessas construções artísticas.

Seu primeiro contato com o cinema foi no filme *Os Inconfidentes* (1972). O artista foi introduzido na sétima arte pelo fato de seu pai ter sido motorista de Rodrigo Melo Franco de Andrade - fundador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e este ser pai do renomado cineasta brasileiro Joaquim Pedro de Andrade - diretor do filme. A relação entre o pai de Chiquitão e o pai do cineasta, além de trabalho, era de amizade. *“Isso me deu a oportunidade de estar muito próximo da confecção de cenários no filme. Menino pegue isso aqui, menino sai pra lá que está no enquadramento, diziam eles para mim.”*⁶

História, cinema e Chiquitão.

Com sua singularidade artística, Chiquitão contribuiu para a produção de inúmeros trabalhos audiovisuais realizados na cidade de Ouro Preto. Agregando história, cinema e arte, o artista configurou cenários para filmes e ajudou na escolha de locações na cidade, trabalhando também como assistente de produção e ator. Longas, curtas, novelas, seriados e vídeos tiveram a marca do artista em sua realização.

⁵ Trecho da fala de Chiquitão retirado da entrevista realizada dia 29 nov 2011

⁶ Trecho da fala de Chiquitão retirado da entrevista realizada dia 29 nov 2011



O primeiro filme em que Luiz Antônio contribuiu no seguimento da direção de arte foi *Chico Rei* (1985), com a montagem de cenários. O artista já havia trabalhado antes com cenografia para teatro, em uma peça com o mesmo nome e o mesmo enredo dessa produção cinematográfica.

A atuação do artista nas produções audiovisuais, especialmente de cinema, destaca-se pela construção de cenários que utilizam, como objetos cênicos, as peças de sua coleção histórica, caracterizando assim um processo de autenticidade artística na cena. O que o público verá nesses filmes são imagens que, além de apresentarem um argumento histórico, possuem também resquícios históricos de objetos realmente provenientes do período representado na cena.

Apesar da construção de certa autenticidade ao se expor tais objetos reais nas produções que lidam com a imagem ficcional transmitida ao público, de acordo com o Luiz Antônio Coelho (2006), o objeto cênico tem papel de representabilidade, ou seja, antes de ser, ele precisa, primeiramente, significar. Nesse universo de representações que é o cinema, não importa se em um filme como *Tiradentes* (1999), por exemplo, a pena que o protagonista utiliza para escrever uma carta é ou não uma pena de verdade, muito menos uma peça autêntica da época da Inconfidência Mineira.

No cinema, objeto cênico tanto serve à representação dramática – na composição do sentido intencional do autor e do diretor- quanto à condução da narrativa. Aqui ele é mais do que uma unidade da frese cenográfica. O objeto aparece como personagem, marca espaço e representa uma peça no processo diegético. O significado que se transmite é mais importante do que o objeto em si. (COELHO, 2006, p.1)

Apesar de a informação imagética que se é transmitida ser composta por elementos autênticos, o público receptor pode não saber a distinção entre imitação e original. Todavia, podemos fazer uma análise da imagem, que ultrapasse a técnica cinematográfica e que tenha como base um processo estético dentro de uma concepção artística que o cenário possa oferecer.

Partindo de um viés artístico, podemos ultrapassar análise da criação de valores de associações subjetivas e cognitivas nas pessoas, quando estas entram em contato como uma imagem, para a análise da arte em si presente na cena. Os cenários compostos por objetos autênticos e provenientes da arqueologia histórica de Chiquitão, na cidade de Ouro Preto, podem gerar, além de significativo valor artístico, uma ordem



estética e comunicativa com proposta de sentido objetivo, ou seja, permitir uma aproximação maior ao aspecto do realismo ao contar uma história de época.

A direção de arte em *Tiradentes* (1999)

Entre os diversos filmes realizados por Chiquitão, partiremos para a análise do longa *Tiradentes* (1999), dirigido pelo cineasta Oswald Caldeira. O enredo do filme tem como principal argumento os fatos políticos que envolveram a Inconfidência Mineira e condenação de Tiradentes, representado Humberto Martins. Trabalhando em parceria com outros profissionais, o artista ouropretano contribuiu para o trabalho direção de arte no filme.

Os figurinos, os cenários, a maquiagem foram construídos de forma a repassar para o público o estilo de vida e a cultura do século XVIII. Podemos inferir que as evidências mais marcantes que indicam que um filme é histórico e não se passa na realidade contemporânea estão na direção de arte, sendo que esta também pode ser mais notada em filmes desse gênero.

Dentre todas as cenas do filme, iremos trabalhar com a observação da sequência final, na qual Tiradentes, supostamente, está em um sonho estabelecendo um diálogo, primeiramente com o carrasco Hermes, com voz em *off* e, em seguida, com um padre. O cenário é, praticamente, o mesmo para toda a sequência, sendo construído com o fundo preto de forma a iluminar apenas os personagens e os objetos.

Tiradentes, envolto por uma capa vermelha em uma dessas cenas, começa a dispor objetos sobre uma mesa, dentre eles uma caveira, um livro, papéis, um castiçal de vela e uma pena com vidros de tinta. Em seguida, estabelece a ação de escrever. Parte dessas peças utilizadas fazia parte do acervo de Chiquitão.

Era uma construção minimalista em um plano infinito, era uma coisa meio insólita enquanto cenário, a maioria dele ia ficar na escuro, mas a princípio, eu enchi ele de coisas sem saber que a maioria delas iria ficar no escuridão. Disseram para mim que a iluminação iria incidir no rosto dos atores, que seriam bem evidenciados, e as pelas utilizadas por eles também. Consegui fazer numa boa e isso também é a capa de um livro sobre o filme.⁷

Além disso, se olharmos minuciosamente a cena, perceberemos que na orelha do personagem há uma folha de arruda, que representaria o sincretismo religioso africano

⁷ Trecho da fala de Chiquitão retirado da entrevista realizada dia 29 nov 2011



no personagem. De acordo com crença popular africana, originária dos tempos coloniais, o uso de um pequeno galho de folhas dessa planta por cima da orelha pode servir para espantar os maus espíritos.

São signos que estão ligados e que incrementam a narrativa, dando personalidade ao filme e ao ator. Você mostra seu trabalho e ao mesmo tempo usa signos que remetem a uma coisa histórica com ligações. De repente Tiradentes tinha ligações com culturas afrodescendentes. Você dá aquele toque, dá uma pitada. É extremamente interessante quando o diretor te permite isso.⁸

Considerações finais

O artista Luiz Antônio Rodrigues acredita que o cinema é uma arte sedutora, por fazer a reunião de várias artes. Um filme, ao mesmo tempo em que demonstra sua própria linguagem, possui elementos de outras linguagens, que poderiam estar relacionadas à pintura, à escultura ou à música, por exemplo. Depois de alguns anos de experiência, Chiquitão busca se encontrar na sétima arte, pensando em unir todas suas atividades artísticas realizadas. Analisando seu trabalho, verificamos que a xilografia ou a restauração – atividades anteriormente desenvolvidas por ele – ainda podem estar presentes em diversas produções do cinema nas quais ele desempenhou a direção de arte.

Construindo uma visão de mundo através de seu ofício, o artista resgata a memória da antiga cidade em que vive, seja com suas aquarelas ou com seu trabalho na direção de arte no cinema. Com suas peculiaridades, ele vive e transmite suas versões da história para as pessoas que têm a oportunidade de conhecê-lo, contribuindo, de alguma forma, para que a cidade não perca sua essência e o seu valor cultural, artístico e histórico que possa oferecer.

REFERÊNCIAS

BUTRUCE, Débora Lúcia Vieira. **A Direção de Arte e a Imagem Cinematográfica: sua inserção no processo de criação do cinema brasileiro dos anos 1990.** Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 2005.

⁸ Trecho da fala de Chiquitão retirado da entrevista realizada dia 29 nov 2011



CALDEIRA, Oswaldo. **Tiradentes: roteiro cinematográfico, comentários e fontes de pesquisa**, Rio de Janeiro, RJ: Prefeitura Rio Filme, 1999.

DIAS, Emilly Joana Santos. **A arte que não dormia**: A cinematografia e o departamento de ARTE segundo ilustrações do filme “O Homem que não dormia”. Trabalho de conclusão de curso, Salvador, UFBA, 2009.

GALDINO, Márcio da Rocha. **Minas Gerais**: Ensaio de Filmografia. Belo Horizonte, MG: Comunicação, 1983.

MARQUES, Alexandre Pimenta. **O registro inicial do documentário mineiro**: Igino Bonfioli e Aristides Junqueira. Dissertação de mestrado, Belo horizonte, UFMG, 2007.

MEDEIROS, Adriano. **Cinejornalismo Brasileiro**: uma visão através das lentes da Carriço Film, Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

Sites pesquisados

Chiquitão. Disponível em: <http://www.chiquitao.cicloart.com/>. Acesso em: 12 Mar. 2012.

DIAS, Luiz Antônio. **O papel narrativo do objeto cênico**. Disponível em <http://www.dad.puc-rio.br/nel/artigos/06-coelho-ped.pdf>. Acesso em: 28 Mar. 2012

Filmes realizados em Ouro Preto. Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/>. Acesso em: 28 Mar. 2012.

OLIVEIRA, Inez. **O designer como diretor de arte no cinema**. Disponível em http://www.mitologica.com.br/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=14. Acesso em: 16 Abr. 2012.

Entrevista

RODRIGUES, Luiz Antônio. Luiz Antônio Rodrigues: depoimento [nov. 2011]. Entrevistadora: Mayra Santos Costa. Ouro Preto, 2011. 1 arquivo digital (50 min): estéreo.